

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em *A reificação e a consciência do proletariado*. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

## **A Apropriação do Discurso Hegeliano por Lukács e os entraves à Emancipação em *A Reificação e a consciência do Proletariado***

*Fabiana del Mastro*<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo pretende analisar o quarto ensaio de *História e consciência de classe* sob a perspectiva da influência da filosofia hegeliana sofrida por Lukács. Mais precisamente, o objetivo é compreender a articulação dos conceitos de reificação/racionalização e emancipação desenvolvida em *A reificação e a consciência do proletariado* a partir primordialmente da relação das categorias da quantidade e da qualidade exposta na *Doutrina do ser da Ciência da lógica* de Hegel. Deste tratamento serão derivadas algumas incompatibilidades entre as premissas das quais parte Lukács, como a eliminação do nível puramente ideal ou lógico da dialética, e as conclusões às quais o autor é impelido para que a perspectiva da emancipação permaneça sustentável.

**Palavras-chave:** Lukács, *História e consciência de classe*, Hegel, dialética.

Em *A reificação e a consciência do proletariado*, quarto ensaio de *História e consciência de classe*<sup>2</sup>, Lukács apresenta uma concepção de totalidade (e, conseqüentemente, a viabilização de um ponto de vista totalizante da história) que tem por termo a superação da reificação na sociedade capitalista. Para tanto, o autor desenvolve uma leitura do conceito de racionalização que o coloca como momento necessário de um processo dialético cujo fim é a identificação do sujeito-objeto da

---

<sup>1</sup> Mestranda da área de Epistemologia das Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2012. O ensaio será abreviado a seguir como RCP e será acompanhado de paginação.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

história. As consequências de sua interpretação são a descristalização do conceito de racionalização em Weber e, portanto, a percepção da relação indissociável entre a redução do mundo à quantificação e à formalização e o caráter qualitativo, ou melhor, as mudanças substantivas que esta redução, que se propunha infinita em Weber, promove. O desenvolvimento do texto de Lukács não apresenta esta relação, tampouco suas consequências, de forma sistemática, apesar de assumi-la em certos momentos. Tendo isso em vista, propomos desenvolver neste artigo a compreensão desta relação à luz da leitura da *Doutrina do ser* pertencente à *Ciência da lógica* da *Enciclopédia das ciências filosóficas*<sup>3</sup> de Hegel. De fato, é nesta obra<sup>4</sup> que Hegel expõe a necessidade interna da relação entre as categorias da *qualidade* e da *quantidade*, a partir da qual Lukács articula (essa é a leitura que defenderemos no artigo) os conceitos de racionalização/reificação e emancipação em seu ensaio.

Esperamos que os resultados desta leitura promovam, num segundo momento desta exposição, algum acento à problematização da apropriação da dialética hegeliana pela marxista e a continuação desta apropriação por Lukács. Com efeito, uma vez que as relações intrínsecas e dialéticas, assumidas por Marx e Lukács, entre as figuras da qualidade e quantidade, do em si e para si, do sujeito e objeto, pressupõem um conceito de contradição que é apenas admissível quando se consente com uma universalidade ou um gênero que se manifesta como e na singularidade, a dura crítica feita por Lukács ao *espírito absoluto* ou acaba por se reverter na assimilação não assumida do misticismo hegeliano ou oferece como

---

<sup>3</sup> HEGEL, G. W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas, Volume I: A Ciência da Lógica*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo, Loyola, 1995. Abreviatura: CdL + paginação.

<sup>4</sup> A brevidade que o artigo impõe condicionou nosso tratamento da questão à *Pequena lógica* da *Enciclopédia* e não à versão estendida da obra publicada primeiramente entre 1812 e 1816. Nosso objetivo não é analisar detidamente o desdobramento das categorias, mas apenas delinear o movimento que explicita sua relação imanente.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

solução uma concepção de totalidade que se efetiva na própria história. A respeito da segunda alternativa, dado que a superação da imediatidade das determinações rígidas do entendimento não pode mais se realizar no atravessamento do ser pelo conceito e, assim, o fenômeno não pode mais ser compreendido como ser-aí deste último, mas este deve aparecer na história como um momento de seu desenvolvimento geral, a dialética materialista se inclina por enxergar a história como o desenvolvimento, de certa forma previsível, de uma lei. E é precisamente na possibilidade de antecipação do desdobramento desta lei que o pensamento dialético pode ser assemelhado ao posicionamento do *sujeito transcendental*. Esta problematização visa a mostrar que nos dois casos recai-se reificação: no primeiro, ao se permitir que o espírito absoluto “entre pela porta dos fundos”, incide-se na própria crítica ao ser reificado do espírito do tempo; no segundo, pela antecipação, efetuada pelo pensamento, do desenvolvimento dialético em relação à sua efetivação na história, postula-se uma anterioridade lógica do movimento dialético em relação à sua posição no tempo e, assim, são reforçados “os fantasmas do entendimento”.<sup>5</sup>

Na terceira e última parte deste artigo propomos analisar a questão da impossibilidade da superação da reificação no texto de Lukács, uma vez aceitos os resultados dos movimentos anteriores da exposição. Para tanto, faremos uso de um ensaio<sup>6</sup> do primeiro tomo de *Marx, Lógica e Política*, de Ruy Fausto. As noções centrais a serem utilizadas na consideração do problema – a saber, a *interversão* do humanismo em anti-humanismo e do antropologismo em anti-antropologismo e a

---

<sup>5</sup> As duas expressões entre aspas desta sentença são de Giannotti, que recorre a elas várias vezes em seu livro *Certa herança marxista* (Companhia das Letras, 2000). Recorreremos à obra para o desenvolvimento da segunda parte do artigo.

<sup>6</sup> FAUSTO, R. Dialética Marxista, Humanismo, Anti-humanismo. In: *Marx, Lógica e Política*. Tomo 1. São Paulo: Brasiliense, 1983. Abreviatura: MLP + paginação.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

posição do homem no interior de sua pré-história – objetivam mostrar que a identificação do proletariado como sujeito-objeto da história, consciente de si e, portanto, de sua ação como gênese, instaura um humanismo (apesar de todos os esforços contrários de Lukács) e um antropologismo que só poderiam ser postos quando da superação do capitalismo e da instauração do comunismo. O tratamento desta questão pode abrir um caminho para a compreensão dos resultados da Revolução Russa: pôr o conceito-homem em um tempo em que apenas os seus predicados podem ser postos significa dizer que se atribui a uma classe uma consciência de si e, por consequência, uma visão da totalidade que não são reais, concretas. Disto resulta que aquilo que a classe proletária apresenta como ação para um “fim humano” a partir de um “fundamento do sujeito” se interverte em não-humano, não-sujeito. Por fim, o presente artigo pretenderá defender a posição, a favor de Hegel, de que a superação da reificação (ainda que não posta pelo filósofo nesses termos) ou a identificação completa entre sujeito e objeto não se dá no âmbito da história.

É importante que consideremos a relação entre reificação e racionalização no texto de Lukács antes de adentrarmos na análise da *Doutrina do ser da Ciência da lógica*. O resultado a que chega o autor, isto é, o de que o sujeito transcendental é a radicalização da reificação do pensamento burguês, é relevante para a segunda parte de nossa investigação. Ali Lukács afirma, seguindo a dialética materialista, que todas as esferas da vida de uma sociedade são determinadas pelo modo como esta realiza seu metabolismo com a natureza. Na sociedade capitalista, ele identifica, na esteira de Marx, que o seu modo de produção é determinado pela forma mercadoria.<sup>7</sup> Entretanto, para que esta seja compreendida, é necessário que se recorra aos

---

<sup>7</sup> LUKÁCS, *A reificação e a consciência do proletariado*, pp. 194 e ss.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

conceitos de trabalho abstrato e valor. O primeiro refere-se à descaracterização das qualidades individuais dos trabalhos singulares e à redução destes a determinidades comuns.<sup>8</sup> Estas, por sua vez, permitem que todo trabalho despendido na produção de uma mercadoria seja medido ou calculável por um tempo de trabalho socialmente estabelecido. O segundo conceito, o de valor, expressa-se como a objetivação do trabalho abstrato: é precisamente esta cristalização que funda num valor de uso o seu caráter de valor de troca, de mercadoria. Desta forma, o que caracteriza a mercadoria enquanto tal é aquilo que nela é redutível ao cálculo.<sup>9</sup> Os efeitos da repetição deste processo, assumidos os pressupostos do trabalho livre, resultam na desintegração crescente do *ser* do trabalhador: o homem é reduzido unicamente aos produtos de seu trabalho e, portanto, ao cálculo, e assim o caráter orgânico de suas próprias determinações e de sua relação com os outros e com a natureza é substituído pela regência de leis impostas por uma segunda natureza – produzida pela repetição e complexificação daquele mesmo processo –, através da qual os homens<sup>10</sup> são

---

<sup>8</sup> Acerca das determinidades do trabalho abstrato, comenta Fausto em *Abstração real e contradição* que elas comportam a qualidade e a quantidade, pois a redução ou abstração dos trabalhos individuais resulta tanto na qualidade comum – no trabalho simples – quanto na calculabilidade dos trabalhos pelo tempo socialmente necessário. O autor, portanto, critica os intérpretes de Marx que reduzem o trabalho abstrato apenas à quantificação. Esta crítica nos importa especialmente porque ela aponta para o caráter dialético das duas determinações. Em MLP, pp. 92, 93.

<sup>9</sup> A relação entre trabalho abstrato e valor é condensada na seguinte passagem do primeiro capítulo de *O capital*: “Em direta oposição à palpável e rude objetividade dos corpos das mercadorias, não se encerra nenhum ato de matéria natural na objetividade de seu valor. Podemos virar e revirar uma mercadoria, como queiramos, como coisa de valor ela permanece imperceptível. Recordemo-nos, entretanto, que as mercadorias apenas possuem objetividade de valor na medida em que elas sejam expressões da mesma unidade social de trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, então, é evidente que ela pode aparecer apenas numa relação social de mercadoria para mercadoria.” MARX, K. *O capital. Crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa, Flávio Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985. pp. 53, 54.

<sup>10</sup> Considerando que o destino do proletariado ou do ser reificado é o destino de todos.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

suportes das mercadorias produzidas. Isso equivale a dizer que a racionalização, – ou a calculabilidade do homem e do mundo – se não é a causa da reificação, é certamente o que faz dela a determinação central da sociedade e do pensamento burgueses. Com efeito, para Lukács, “o mais importante é o *princípio* que assim se impõe: o princípio da racionalização baseada no cálculo, na *possibilidade do cálculo*.” (RCP, p. 202) Dois resultados desta exposição devem ser retidos: o homem é objeto, coisa, na sociedade capitalista e, enquanto tal, é passivo em relação às determinações impostas pelos movimentos do capital; a ele é reservado apenas a possibilidade da observação e compreensão dessas leis “dadas” pela (segunda) natureza. Ademais, na medida em que tudo é reduzido ao seu aspecto formal, os conteúdos e a singularidade das coisas escapam tanto à lógica instituída pelo capitalismo quanto ao desenvolvimento do pensamento científico e filosófico.

É neste ponto do desenvolvimento de seu pensamento que Lukács promove a passagem para a consideração da filosofia crítica de Kant. De acordo com o autor, a filosofia moderna propõe estabelecer um fundamento a partir do qual o mundo é produto do sujeito. Por consequência, esta mesma filosofia arroga-se a tarefa de promover a construção de um sistema através do qual a totalidade dos fenômenos seja abarcada. A respeito do espelhamento entre o modo de produção capitalista e o pensamento filosófico-científico diz Lukács:

Essas interdependências são de uma importância decisiva para a questão que formulamos. Pois o “racionalismo” existiu nas mais diferentes épocas sob as mais diversas formas, no sentido de um sistema formal, cuja unidade se orientava na direção daquele aspecto do fenômeno que pode ser apreendido, produzido e, portanto, dominado, previsto e calculado pelo entendimento. (RCP, pp. 244, 245)

Os primeiros entraves à totalização do conhecimento são a admissão do conhecimento formal como único legítimo e o reconhecimento de categorias e formas

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

da intuição a priori que concorrem para a construção da experiência. Em outras palavras, o problema reside na imediatidade e fixidez que este tipo de filosofia promove: a separação rígida entre sujeito (do conhecimento) e objeto aparece como dada e desta própria admissão surge o impedimento para que esta cisão seja superada. Isso significa dizer que se as categorias e as formas da intuição a priori são os instrumentos para a construção do conhecimento e, sendo assim, concorreriam para a construção de um mundo a partir do sujeito, sempre sobra um substrato, uma coisa-em-si, que escapa à apreensão pelo sujeito. O que resta a este é a observação de leis, imanentes a si mesmo, que preveem o comportamento dos fenômenos construídos parcialmente (uma vez admitida a coisa-em-si) pelo pensamento. A postura do sujeito transcendental é, portanto, expressão do ser reificado da sociedade capitalista, uma vez que se coloca como postura contemplativa de leis (de uma natureza criada) cujo funcionamento independe de qualquer atividade sua.<sup>11</sup>

A busca pela perspectiva da totalidade também encontra entraves na filosofia de Kant, pois, por um lado, a racionalização do mundo fenomênico, inerente ao próprio caráter formal do sujeito transcendental, impele o conhecimento ao infinito. Por outro lado, posto que as ideias da razão, isto é, Deus, mundo e alma-liberdade, não podem mais ser fundamentos do conhecimento, mas apenas regulações da práxis e da organização teórica do mundo, os imperativos da razão sempre hão de se colocar como um dever-ser irrealizável na história.

Propomos por ora deixarmos em suspenso o resultado das considerações acerca da filosofia de Kant, que serão retomadas adiante, para passarmos ao

---

<sup>11</sup> Segundo Lukács, a coisa-em-si cumpre funções diferentes no sistema de Kant. Mas “o que todas elas têm em comum é o fato de que cada uma representa um limite ou uma barreira à faculdade ‘humana’, abstrata, e formal e racionalista da cognição.” (RCP, p. 247)

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

tratamento da relação entre as categorias da *qualidade* e da *quantidade* na *Doutrina do Ser* da *Pequena lógica* de Hegel e, posteriormente, à sua aplicação no interior da história pelo texto referido de Lukács; nesta análise é possível encontrar um dos caminhos para a compreensão da história como um processo que faz desvanecer a imediatidade e, por conseguinte, promover a identificação entre sujeito e objeto.

O primeiro desenvolvimento da *Doutrina do ser* mostra como a determinação primeira e mais abstrata do pensamento efetua o movimento dialético de saída e de retorno a si. Dado que a determinação *ser*, na medida em que é *ser* e não *não-ser*, circunscreve-se a si mesma, o que está para além desta delimitação é *seu-outro* ou o *nada*. Pelo mesmo raciocínio, este nada, por não carregar nenhuma outra determinação que o ser, é também posto como ser do seu ser-outro – o primeiro ser. Disso resulta que a determinação aparentemente fixa do ser abstrato tem sua verdade na passagem para o nada e no encontro de si neste nada. O resultado do movimento de um para o outro é o *devenir*. Este, tomado em sua imediatidade, é um algo ou uma qualidade.<sup>12</sup> Desta breve consideração importa ser retido que o primeiro momento, o do *em si*, carrega o colocar-se fora de si, momento do *para si*. A solução da cisão produz a identificação do ser com o seu outro, identificação que não é igual à identidade simples das duas determinações em sua imediatidade. Com efeito, o resultado detém a determinação *posta*: isso significa dizer que o ser se sustenta como tal apenas no e através do seu outro. A natureza desta unidade é expressa da seguinte maneira por Hegel:

O *devenir* é a verdadeira expressão do resultado de ser e de nada, enquanto sua unidade; não é apenas a *unidade* do ser e do nada, mas é o desassossego em si – a unidade que não é simplesmente, enquanto relação consigo, carente de movimento; mas que,

---

<sup>12</sup> Esse movimento se encontra nos parágrafos 86, 87 e 88 da referida obra.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

mediante a diversidade do ser e do nada, a qual nela há, é dentro de si contra si mesma.  
(CdL, p.183)

É esse desassossego, revertido em uma nova unidade, que impõe, no desenvolvimento posterior do ser, a superação da *qualidade* em *quantidade* e esta, por sua vez, na primeira.<sup>13</sup> Propomos ver este movimento mais de perto. A qualidade em si, através da posição do seu outro, sustenta-se nele apenas como relação de si para si, dado que a outra qualidade não possui nenhuma determinação diferente da primeira. Esta relação negativa da qualidade para si consigo mesma resulta na determinação do *uno*, cujo caráter é a exclusão permanente de si do seu outro. Por certo, a identidade que uma qualidade reivindica para si é insustentável na medida em que carrega o negativo (o nada ou a qualidade diferente) dentro de si; assim, o *uno* expele-se permanentemente de si mesmo, produzindo os *muitos* de si; por sua vez, o reconhecimento de que o uno se relaciona apenas consigo no repelir dos muitos faz desvanecer a *qualidade* de sua identidade circunscrita na *quantidade* indefinida de sua pluralidade. É importante deixarmos aqui acentuado, pelo que foi dito acerca do permanente repelir-se do uno nos muitos, que a quantificação das qualidades não aparece como uma possibilidade, mas como uma necessidade própria do conceito. Nesse sentido, como se verá adiante, a racionalização compreendida enquanto quantificação ou formalização do mundo é etapa necessária de um processo que efetiva mudanças qualitativas no interior da história. Todavia, para que esta consideração apareça de forma mais clara, é necessário que se conclua a dedução das determinações do ser.

A determinação da quantidade carrega a qualidade como seu outro<sup>14</sup>: as

---

<sup>13</sup> Parágrafos 90 a 98.

<sup>14</sup> Este último movimento abarca os parágrafos 99 a 111 da obra.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

formulações em que a primeira aparece são, em si, a grandeza contínua e, para si, a grandeza discreta. A solução da cisão se dá pelo reconhecimento de que a grandeza contínua – o necessário repelir-se do uno nos muitos – é também discreta porque se dá no interior de uma qualidade única; esta grandeza discreta também é contínua porque em cada um dos muitos é o seu mesmo, a unidade, que é posto. O resultado desta diferença, sob a perspectiva de sua nova identidade, é uma quantidade limitada. Percebe-se, a esta altura da dedução, que *a qualidade perpassa gradualmente toda quantidade*. Com efeito, é pelo “preenchimento” da primeira pela última que, na próxima figura do ser, a da medida, o movimento do pôr-se fora de si da quantidade determina diretamente a transformação de uma qualidade em outra. É precisamente este resultado da dedução que interessa à presente exposição: a natureza da quantidade ou da quantificação não é indiferente ao conteúdo ou à singularidade dos seres, mas é, ao contrário, determinante deste mesmo conteúdo. Assim, pode-se afirmar que o aspecto quantitativo de uma qualidade a impele a tornar-se necessariamente outra. Hegel articula as duas categorias para a caracterização de um Estado:

[...] não se deve tampouco desconhecer que, no constante aumento ou diminuição de um Estado, aparece finalmente um ponto em que, abstraindo de qualquer outra circunstância, já por causa dessa modificação quantitativa, também o qualitativo da constituição não pode mais permanecer inalterado. A constituição de um pequeno cantão suíço não convém a um grande império; e era igualmente imprópria a constituição da república romana em sua transposição às pequenas cidades do Império alemão. (CdL, p. 207)

Faz-se necessário agora o retorno ao texto de Lukács para que sejam expostos os momentos em que o autor assume (ou ao menos parece assumir) uma postura hegeliana ao voltar seu olhar para a história. Em primeiro lugar, Lukács assume que a imediatidade em que as oposições aparecem na história não são reais, mas fruto de mediações das quais o homem é ainda inconsciente. Assume ainda que é através da

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

própria imediatidade que o ser reificado é superado.<sup>15</sup> Dessas duas asseverações algumas consequências podem ser mencionadas. Em primeiro lugar, se as determinações cristalizadas pelo entendimento devem ser superadas na unidade do sujeito e do objeto, esta superação pressupõe que estas imediatidades sejam contraditórias em si mesmas, isto é, que contenham, como acima indicado, em si o seu outro, ou em outras palavras, que sejam um universal que se manifesta na singularidade. De fato, não poderia haver superação de determinações indiferentes, posto que, se esse fosse o caso, a modificação, de qualquer natureza, de uma delas não poderia nunca provocar a transformação da outra. Disso segue que é pressuposto necessário em Lukács a admissão de uma unidade que se coloca em sua diferença e, apenas na medida em que assim se põe, “toma consciência”<sup>16</sup> de sua determinação. Essa admissão se aplica ao conceito de homem no interior da exposição de Lukács, uma vez ser assumido pelo autor que é apenas este (enquanto proletariado) quem realiza a mediação das determinações cristalizadas pelo entendimento e, por conseguinte, tem de pôr a si mesmo como sujeito-objeto idêntico e gênese da história. Ademais, porque no interior da sociedade capitalista o homem não é sujeito, pois são o capital e os seus momentos (dinheiro e mercadoria) os agentes da sociedade, apenas o seu *predicado* é colocado. Disso pode-se depreender que se o caminho para a solução da cisão é o reconhecimento, pelo homem, de que ele é mercadoria, o momento do ser reificado, do homem enquanto coisa, é pressuposto, portanto, para a sua superação. Nas palavras de Lukács:

Enquanto ele for incapaz na prática de se elevar acima desse papel de objeto, sua consciência não constituirá a *autoconsciência da mercadoria* ou, expresso de modo

---

<sup>15</sup> Cf. RCP, pp. 354, 355.

<sup>16</sup> Em todos os momentos em que nos referirmos ao momento do para si do conceito como “consciência” de uma determinação, tem-se em vista a compreensão do conceito enquanto homem.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

diferente, o autoconhecimento, o desvendamento da sociedade capitalista, fundada sobre a produção de mercadorias, sobre relações de mercado. (RCP, pp. 340, 341)

Vale aprofundarmo-nos um pouco mais na consideração deste ponto: no conceito do homem em si os seus momentos aparecem como cristalizados e indiferentes. É por isso que se assume como dada a diferença entre o homem e a natureza. Além disso, no interior desta imediatidade, o homem, por ainda não ter sido posto como sujeito, é passivo em relação às determinações de seu outro.<sup>17</sup> Ora, na sociedade burguesa, o outro do homem são as leis estabelecidas pelo capital ou a segunda natureza. Disso pode-se concluir que o ser reificado do homem no capitalismo é inerente à sua condição de ser ainda não-posto. Além disso, é o predicado do homem, isto é, o movimento das mercadorias e o processo de racionalização inerente a este, que o impelem ao reconhecimento de si. Esta afirmação pode ser justificada se recorrermos à aplicação da dialética das determinações da medida para a compreensão das consequências da racionalização na sociedade burguesa. Diz Lukács acerca da relação entre as determinações da quantidade e da qualidade na história:

A diferença quantitativa da exploração, que para os capitalistas tem a forma imediata de determinações quantitativas dos objetos do seu cálculo, deve aparecer para o trabalhador como as categorias qualitativas e decisivas de toda sua existência física, intelectual, moral etc. (RCP, p.337)

Assim, se for admitido que os capitalistas a que Lukács fez referência não são

---

<sup>17</sup> Usamos como embasamento para esta colocação o parágrafo 11 de *Princípios da filosofia do direito*, onde Hegel afirma ser a vontade natural ou imediata (a vontade em si) a resposta passiva ou irracional às determinações da natureza, na forma dos instintos, das paixões e das tendências. A vontade natural ainda não é objetiva, pois a objetividade pressupõe o reconhecimento e a postulação de fins universais às ações. HEGEL, G. W. F. *Princípios da filosofia do direito*. Trad. Paulo Meneses, Agemir Bavaresco, Alfredo Moraes, Danilo Costa, Greice Barbieri, Paulo Konzen, São Paulo: Ícone, 1997.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

agentes do cálculo, mas observadores de leis que se efetuam por si mesmas, conclui-se que o imperativo do capital, o de valorizar-se a si mesmo, empurra o processo de racionalização até o limite. Este processo contínuo e expansivo de apropriação dos produtos de trabalho do homem, impulsionado por um cálculo que desconsidera o caráter qualitativo do trabalhador (o seu conteúdo, sua singularidade), é *sentido* por ele *qualitativamente*. Em última instância, é a expansão da racionalização e sua contrapartida qualitativa no trabalhador (o sentimento da exploração crescente) que deve fazê-lo querer sair de sua condição. Por certo, é precisamente por este motivo que Lukács coloca o proletariado como sujeito-objeto da história.

Do desenvolvimento feito até aqui seguem as primeiras conclusões. Seguindo a aplicação da *Doutrina do ser*<sup>18</sup> à perspectiva de Lukács sobre a sociedade burguesa, o modo de produção capitalista pode ser tomado como uma medida a partir da qual se expressa o metabolismo entre o homem e a natureza. As figuras em que esta aparece podem ser entendidas, respectivamente, por uma qualidade ainda não posta, expressa como o homem *em si*, e uma natureza cujo caráter *quantificador*, através do processo de abstração dos conteúdos e das singularidades, impele o homem a *pôr-se* como qualidade *concreta*, a saber, como aquele que reconhece a si no *seu outro*. É importante deixar ainda ressaltado que a expansão contínua do processo de racionalização deve ser tomado como necessário, posto que a determinação quantitativa da figura da medida possui o caráter da repulsão do uno em seus muitos infinitamente. Nesse sentido, o erro de Weber, sob uma perspectiva hegeliana e

---

<sup>18</sup> Por mais que se saiba que as determinações do conceito do *ser* são muito abstratas em relação às determinações do homem no interior da história, a opção pelo estabelecimento da relação entre a *Doutrina do ser* e a dialética da sociedade capitalista se justifica por dois motivos: primeiramente pela relevância com que a relação entre categorias já mencionadas aparecem no texto de Lukács; em segundo lugar, dado que as figuras reaparecem nas determinações posteriores do conceito, a *Doutrina do ser* pode ser a medida para a compreensão de todo o desenvolvimento dialético.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em *A reificação e a consciência do proletariado*. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

anacrônica (talvez corroborada por Lukács, tendo em vista a citação acima), seria não ter enxergado que a racionalização encontra seus limites no interior de si mesma.<sup>19</sup>

Todavia, da compreensão da pré-história do homem como um processo dialético no qual as determinações contraditórias são superadas surgem consequências que parecem fazer Lukács entrar em desacordo consigo mesmo. As consequências a que nos referimos estão associadas à necessidade de se assumir o espírito absoluto ou o misticismo hegeliano no interior da leitura dialética da história e à efetivação de um ponto de vista da totalidade – segunda condição para a identificação do proletário como gênese da história – que parece não se realizar. Acerca do primeiro ponto, Hegel define o espírito absoluto (o que se chamou de misticismo pela tradição) como a unidade superada das contradições.<sup>20</sup> Esta definição elucida que, para que haja dialética, deve-se assumir um conceito enquanto tal, um em si, a partir do qual as determinações contraditórias, no reconhecimento de uma pela outra, se reunificam. Assim, se Lukács assume a superação dos contraditórios como a emancipação do proletariado e se a contradição só pode existir nos termos que o desenvolvimento da *Doutrina do ser* mostrou, como é possível abdicar do misticismo hegeliano no interior de *A reificação e a Consciência do Proletariado*? Com efeito, são vários os momentos em que Lukács parece assumi-lo. Eis a passagem em que esta admissão aparece de maneira mais clara:

---

<sup>19</sup> Giannotti, em *Certa herança marxista*, cap. I, enxerga a aplicação da dialética da determinação da medida sob uma ótica que não impele à emancipação, mas apenas a reconfigurações no interior do modo de produção capitalista. A categoria é articulada para a compreensão da relação entre forças produtivas e relações sociais de produção. As primeiras, enquanto momento quantitativo do conceito, empurram o desenvolvimento de novas formas de metabolismo entre o homem e a natureza e, assim, impelem as segundas, principalmente no que tange à sua expressão jurídica, a operar mudanças qualitativas. GIANNOTTI, J.A. *Certa herança marxista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Abreviatura: CHM + paginação.

<sup>20</sup> Cf. adendo ao parágrafo 82 de *A ciência da lógica*.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

Pois a unidade do sujeito e do objeto, do pensamento e do ser, que a “ação” incumbiu-se de provar e mostrar, encontra realmente o lugar de sua realização e de seu substrato na unidade entre a gênese das determinações do pensamento e a história da evolução da realidade. (RCP, p. 302)

Assim, se o sujeito da gênese da história encontra um lugar de realização na práxis é porque é pressuposto um sujeito em si, um universal abstrato que precisa singularizar-se. Ademais, como seria possível falar da “superação da imediatidade das determinações do entendimento” sem que se assuma o conceito, se para Hegel, o espírito é o próprio pensamento como superação do entendimento?<sup>21</sup> Acerca da problematização do espírito absoluto na dialética marxista, e em consonância com o texto de Lukács, diz Giannotti: “Os textos não explicitam como o ser genérico do homem pode ser cindido pela divisão do trabalho, se esse ser-genérico já não se remetesse ao conceito, que possui em si mesmo a capacidade de diferenciação.” (CHM, p. 59)

Mas poder-se-ia ainda objetar, a favor de Lukács, que ele propõe, não obstante a problematização anterior, a negação de uma transcendência da razão<sup>22</sup> em relação à história pela efetivação da superação dos contraditórios no interior da própria história. Para que se entenda tal proposta deve-se recorrer à análise do conceito de totalidade exposto por Lukács. Se para o autor a solução que Hegel oferece para a identificação do sujeito-objeto da história faz com que seu idealismo recaia no pensamento reificado, dado que em sua filosofia o *espírito do povo* não tem “consciência de sua essência” e, por isso, efetua uma práxis apenas aparente, é necessário que o proletariado tenha o ponto de vista da totalidade para, apenas a

---

<sup>21</sup> Cf. CdL, adendo ao parágrafo 88.

<sup>22</sup> As críticas ao misticismo hegeliano se concentram nas páginas 304 a 308 de RCP.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

partir dela, ser consciente de sua ação. Vale deixar ressaltado que o sujeito da história em Hegel não deixa de realizar o conceito por fins particulares e, assim, aparece como contingente em relação aos desenvolvimentos da razão.<sup>23</sup> Com efeito, a perspectiva da totalidade em Hegel, ou mais precisamente, a identificação do sujeito-objeto como realização de uma etapa de desenvolvimento da ideia, só se dá depois que esta etapa foi posta, no momento posterior da sua dialética. Disso segue que o reconhecimento de que aquele singular (Napoleão) é o universal, a partir de cuja ação os fins concretos são alcançados, não se dá pelo próprio singular, mas através do pensamento que se volta para a observação da história. Nesse sentido, o espírito do povo se assemelha, para Lukács, ao sujeito transcendental na medida em que ambos não são realmente livres, isto é, na medida em que a noção de liberdade nunca é realizável: se, no primeiro caso, a “ação” é determinada pela ideia e se, no segundo, o sujeito é restrito à observação do funcionamento de leis e a uma liberdade apenas pensável, ambos têm em comum uma postura contemplativa e cindida em relação à história.

É por este motivo que Lukács propõe uma noção de totalidade cujo pressuposto é a consciência do proletariado de sua condição:

Enquanto persegue os seus fins de classe, o proletário realiza de maneira consciente os fins – objetivos – do desenvolvimento da sociedade, os quais, sem a sua intervenção

---

<sup>23</sup> Ainda que a consciência já tenha desenvolvido sua liberdade absoluta, ou seja, embora a vontade só queira a si mesma, à sua universalidade como fim, ela não se dissocia e nem deixa de se guiar pela convicção de si, pela certeza imediata de sua bondade e justiça. A concretização da correção da ação depende da corroboração (contemporânea ou futura) da sociedade. Precisamente por isso ela não perde seu aspecto finito. Nas palavras de Hegel em sua *Fenomenologia*: “Contudo, a ação da boa consciência não é apenas essa *determinação* do ser, abandonada pelo puro si. O que deve ser valorizado e reconhecido como dever, só o é mediante o saber e a convicção a seu respeito como dever, mediante o saber de si mesmo no ato. Se o ato deixa de ter nele mesmo esse si, deixa de ser unicamente o que é sua essência.” E mais adiante: “Por outras palavras: a ação concreta, em si mesma diversa em sua multilateralidade, contém nela tanto o lado universal, que é aquele que se tomou por dever, como o lado particular, que constitui a quota-parte e o interesse do indivíduo [na ação].” HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. pp. 432, 441.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

consciente, teriam de permanecer como possibilidades abstratas e barreiras objetivas. (RCP, p. 309)

Dado que a forma mercadoria, como assinalado no início desta exposição, é o modo pelo qual toda a sociedade pode ser compreendida, quando o proletariado se reconhece em seu outro (que é a mercadoria mesma) ele alcança a perspectiva da totalidade. O resultado de tal perspectiva promove o reconhecimento do proletário como gênese e viabiliza uma ação cujo fim é a emancipação, ou mais precisamente, a *posição* do homem na história. O problema é que há pelo menos dois momentos do texto em que Lukács parece discordar de seu pressuposto. Diz o autor:

A especificidade da sua situação baseia-se no fato de que a superação do imediatismo tem aqui uma intenção voltada para a totalidade da sociedade – pouco importa se essa intenção permanece psicologicamente consciente ou inconsciente de início. (RCP, p. 349)

Sobre este primeiro momento, pode-se colocar a questão: se a intenção para uma ação concreta pode ser inconsciente, como adequá-la à exigência da ação consciente do proletariado, uma vez que a perspectiva da totalidade, deste modo, se perde? Num segundo momento do ensaio diz o autor:

[...] o momento decisivo da ação pode estar orientado para algo – aparentemente – insignificante. Nesse caso, precisamente, se confirma na prática que, na totalidade dialética, cada elemento comporta a estrutura do todo. A partir de então, a mesma estrutura se mostra no fato de que, na prática, o destino de todo um desenvolvimento pode depender da decisão tomada numa situação aparentemente insignificante. (RCP, p. 393)

Assim, se a orientação da ação pode estar voltada para uma insignificância, como é possível que ela tenha, ao mesmo tempo, a intenção da totalidade, como afirmado na primeira passagem? Ademais, se o agente desta ação aparentemente insignificante é inconsciente do fim emancipatório que ela realiza, em que medida isso não se assemelha, novamente, às ações do espírito do povo em Hegel? Seria ir longe

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

demais assumir que esta ação inconsciente de seu fim torna o proletariado contingente, no sentido de que ele é suporte da realização do conceito? Lukács não recai, assim, na crítica à práxis fictícia feita ao sujeito da história em Hegel? Em outras palavras, admitir um fim que se realiza para além da consciência do agente não é deixar entrar o espírito absoluto “pela porta dos fundos”? A impressão que resulta da mudança de posicionamento de Lukács em relação à consciência sobre a totalidade é a de que o autor parece reconhecer gradualmente a dificuldade de admitir e defender a possibilidade de um ponto de vista universal no presente histórico.

Mas para além da impossibilidade de se livrar do misticismo hegeliano e, desse modo, da reificação inerente a este idealismo, há uma crítica mais grave à absorção da dialética hegeliana pelo materialismo histórico, crítica esta que também pode ser aplicada ao texto de Lukács. Em *Certa herança marxista* Giannotti problematiza o fato de o materialismo de Marx assumir a história como o terreno em que a dialética tem seu desenvolvimento e seu fim. Se a dialética é colocada nesses termos – e assim a identificação completa entre sujeito e objeto não se dá apenas na lógica especulativa, como em Hegel –, assume-se a história como um processo apenas parcialmente realizado e busca-se a previsão de sua resolução no interior dela. Tem-se assim uma dialética que aparece como uma lei cuja aplicação pode ser antecipada pelo pensamento. Diz Engels em *Anti-Dühring*: “Depois de ter demonstrado pela história como de fato o processo apenas em parte se realizou, em parte ainda deve realizar-se, é que Marx o designa, além do mais, como um processo que se cumpre segundo uma lei dialética determinada.”<sup>24</sup> E acerca dessa passagem, comenta Giannotti: “Que sentido, porém, possui essa formulação do que é, associada à do que dever ser? Trata-se apenas da previsão normal que busca qualquer ciência positiva?”(CHM, p.

---

<sup>24</sup> Essa passagem de Engels está na página da citação de Giannotti, 22.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

22) Ainda que se saiba que o materialismo histórico é contrário a qualquer positivismo por não aceitar a natureza como dada, mas como resultado de múltiplas mediações, esta crítica pode ser entendida no sentido de uma recaída nas determinações cristalizadas do entendimento e, por isso mesmo, nas bases lançadas pelo sujeito transcendental. De fato, o sujeito da filosofia kantiana – observador das leis de seu pensamento e calculador do comportamento dos fenômenos a partir delas – e o pensamento dialético – que espera da história o desdobramento necessário ditado pelo desenvolvimento parcialmente cumprido – aproximam-se porque o materialismo histórico reinstala a *contemplação teórica* em seu interior. A práxis como ação livre fica, assim, comprometida com o dever-ser do movimento dialético. Além do mais, a previsão dos movimentos históricos não acaba por postular uma anterioridade lógica para a dialética em relação à sua expressão na história?

A última pergunta que este artigo deve colocar é: por que Lukács não consegue conceber a identificação completa entre sujeito e objeto na história e, por isso, livrar-se do pensamento reificado (em seus termos)? Porque Lukács opera a *posição* do homem no interior de sua pré-história. De acordo com Ruy Fausto, a história da sociedade capitalista faz parte da pré-história do homem, logo sua posição aparece apenas na superação desse modo de produção e no conseqüente início da história da humanidade. Por *posição* entende-se precisamente o reconhecimento do conceito enquanto tal, ou do homem em si em seu outro e, conseqüentemente, na tomada de consciência de si enquanto gênese da história. Dito de outra maneira, a consciência concreta de si é resultado da superação do capitalismo, não o pressuposto para essa superação. Nas palavras de Fausto:

“O homem é o operário”, “o homem é o capitalista” [...] O homem está “lá”, mas só existe nos seus predicados; e esses predicados, em vez de serem determinações do sujeito “homem” (ou espécies do gênero “homem”) são de fato negações do homem enquanto

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

homem. O operário, o capitalista, o senhor feudal, o cidadão romano etc. existem enquanto (e porque) o homem não existe: eles não existirão mais quando o sujeito “deles” vier à existência. (MLP, p. 29)

Mas Lukács parece pretender precisamente o contrário ao colocar o ponto de vista da totalidade como a premissa indispensável para o direcionamento da práxis à emancipação. Seguindo o pensamento de Fausto, tanto *O capital* quanto a *Fenomenologia* de Hegel expõem o movimento dos predicados do homem e da consciência; apenas no fim do desenvolvimento dialético o conceito concreto é posto. E não poderia ser diferente, uma vez que a antecipação da posição se interverte em seu contrário. Dever-se-ia então perguntar pelo significado de tal posição. *Pôr* o homem significa designar um fim humano às ações, precisamente como Lukács propõe quando estabelece o ponto de vista da totalidade como pressuposição para a práxis emancipatória. Entretanto, na medida em que este ponto de vista é interdito ao homem enquanto ele está em sua pré-história, a posição de um fim ainda não concretamente humano se transforma não-humano:

O humanismo – entendendo por humanismo a filosofia ou a política que *põe* o homem, o que significa, para que a definição seja rigorosa, aquela que não só visa fins “humanos” mas que, igualmente, só aceita os meios “humanos” (isto é, a que recusa a violência) – o humanismo é na realidade um anti-humanismo (*o humanismo se interverte em anti-humanismo*). Porque “*pôr*” (*setzen, posen*) o homem, isto é, postular uma prática “humana” (não violência etc.) num universo inumano (o do capitalismo e em geral o de todo “pré-socialismo”), *implica aceitar* – se tornar cúmplice d’ – *este universo inumano*. (MLP, p. 32)

Ademais, se nos lembrarmos da admissão feita por Lukács de que o agente da ação voltada à totalidade pode ainda não ser plenamente consciente dela, o perigo do anti-humanismo aparece de forma clara. Com efeito, se tudo o que não é concreto é opinião, contingência, finitude, um ponto de vista de uma totalidade que ainda não foi posta é arbitrário. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado à interversão do

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

antropologismo em anti-anthropologismo: para que seja possível uma perspectiva da totalidade, é necessário que haja um sujeito concreto, a partir do qual tal perspectiva se torna possível. Todavia, o homem enquanto sujeito do conhecimento também ainda não existe na sua pré-história.<sup>25</sup>

Poderíamos então tentar compreender o leninismo e a radicalização do stalinismo como o resultado da tentativa da posição do conceito-homem fora de seu tempo. Assim, no que toca aos fins antecipadamente humanos, tem-se como resultado a violência com que o partido político, no caso do leninismo, impõe sua força coercitiva ao proletariado e, no caso do estado stalinista, a expansão desta violência para todas as esferas da vida.

É possível concluir, a partir dos impasses que buscamos delinear, que a apropriação parcial (ou mesmo distorcida) da dialética hegeliana por Lukács no quarto ensaio de *História e consciência de classe* leva a dois resultados. Por um lado, assumidos os limites da consciência e ação do proletariado, a transformação qualitativa, de fato realizável de seu estatuto, permanece, não obstante, incompreensível para o seu próprio agente. Por conseguinte, recolocando-se a precedência da totalidade ou do conceito em relação ao proletariado, reafirma-se, contra a determinação de Lukács, o misticismo idealista de Hegel. Por outro lado, e como alternativa ao embaraço anterior, a transposição do conceito para a materialidade histórica, isto é, a imposição, pelo proletariado, de um fim não

---

<sup>25</sup> Importante ressaltar que o uso dos dois comentadores, Giannotti e Fausto, como suporte à argumentação desta parte final do artigo não implica o entendimento de que as suas leituras tanto de Marx quanto da tradição filosófica que dele derivou sejam homogêneas. Sabe-se que a divergência entre os autores é, muitas vezes, grande. O intuito foi tão somente recorrer aos referidos comentários para a sustentação dos pontos ressaltados da análise do ensaio de Lukács. O estabelecimento de um diálogo entre os autores e, por conseguinte, a leitura mais detida de suas produções ultrapassariam os limites e a proposta deste artigo.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em *A reificação e a consciência do proletariado*. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p.31-53, novembro. 2020

concretamente concebido, é replicada duramente pela própria história na medida em que o que se postulou como liberdade e emancipação se interverteu em maior dominação. Por conseguinte, é possível inferir que a absorção parcial do *conceito* ou da dialética hegeliana (tal que retira deles o que o materialismo não admite) impele, através da operação do próprio conceito sobre o texto e pensamento de Lukács, à sua afirmação integral.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Este artigo é crítico, não propositivo. Ele não buscou contemplar, por isso, soluções à problematização desenvolvida e tampouco oferecer leituras ou apropriações mais modernas da filosofia de Hegel. O intuito, como esperamos ter demonstrado, foi concluir que a crítica a Hegel feita por Lukács se mostrou insidiosa em *A reificação e a consciência do proletariado*.

Para Referenciar:

MASTRO, Fabiana del. A apropriação do discurso hegeliano por Lukács e os entraves à emancipação em A reificação e a consciência do proletariado. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 31-53, novembro. 2020

### Referências:

FAUSTO, R. *Marx: Lógica & Política. Tomo 1*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIANNOTTI, J.A. *Certa herança marxista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HEGEL, G. W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas, Volume I: A Ciência da Lógica*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo, Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do direito*. Trad. Paulo Meneses, Agemir Bavaresco, Alfredo Moraes, Danilo Costa, Greice Barbieri, Paulo Konzen, São Paulo: Ícone, 1997.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MARX, K. *O capital. Crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa, Flávio Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.